



## RAÇA, NAÇÃO E IDENTIDADE – TRANSNACIONALISMO NEGRO E DISPUTAS POR BRASILEIRIDADE E PAULISTANIDADE NOS JORNAIS DE NEGROS E IMIGRANTES EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

*Marina Pereira de Almeida Mello<sup>1</sup>*

**Resumo:** Algumas décadas após a abolição oficial da escravidão no Brasil, em um cenário marcado pelo cosmopolitismo, indivíduos e populações negras revolveram expectativas eugenistas e higienistas na cidade de São Paulo. Romper com a estereotipia e quebrar a imagem de **exótico**, no sentido de seres estranhos ou estrangeiros, impunha a formulação de uma estratégia em que o grupo teve que se defrontar com barreiras externas e internas. Em meio à imigração em massa de populações estrangeiras, **Família, Pátria e Educação** se converteram nos principais baluartes da luta empreendida através da *imprensa negra* no período estudado, no sentido da construção de uma identidade positiva para o grupo.

**Palavras-chave:** imprensa negra, transnacionalismo negro, raça e nação no pensamento brasileiro.

### RACE, NATION AND IDENTITY - BLACK TRANSNATIONALISM AND THE DISPUTES FOR BRAZILIANITY AND PAULISTANITY IN BLACK AND IMMIGRANT NEWSPAPERS IN SÃO PAULO IN THE EARLY 20th CENTURY

**Abstract:** A few decades after the official abolition of slavery in Brazil, in a scenario marked by cosmopolitanism, black individuals and populations have revolved eugenicist and hygienist expectations in the city of São Paulo. For to breaking with stereotyping and breaking with the image of exotic, in the sense of strange or foreign beings, imposed the formulation of strategies for the group had to face external and internal barriers. Amid the mass immigration of foreign populations, Family, Homeland and Education became the main bulwarks of the struggle undertaken by the black press in the period studied, in the sense of building a positive identity for the group.

**Keywords:** black press, black transnationalism, race and nation in Brazilian thought.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Educação da EFLCH/UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, doutora em antropologia e mestre em história pela FFLCH/USP. Responsável pela Unidade Curricular: Raça, Gênero e Políticas Públicas. E-mail: [marinamello2000@yahoo.com.br](mailto:marinamello2000@yahoo.com.br)



## RAZA, NACIÓN E IDENTIDAD: TRANSNACIONALISMO NEGRO Y DISPUTAS POR EL BRASILISMO Y LA PAULISTANIDAD EN LOS PERIÓDICOS NEGROS E INMIGRANTES EN SÃO PAULO A PRINCIPIOS DEL SIGLO XX

**Resumen:** Algunas décadas después de la abolición oficial de la esclavitud en Brasil, en un escenario marcado por cosmopolitismo, los individuos y las poblaciones negras giran las expectativas eugenistas e higienistas en la ciudad de São Paulo. Romper con los estereotipos y romper con la imagen de lo exótico, en el sentido de seres extraños, impuso la formulación de estrategias para que el grupo enfrentara barreras externas e internas. En medio de la inmigración masiva de poblaciones extranjeras, Familia, Patria y Educación se convirtieron en los principales baluartes de la lucha emprendida por la prensa negra en el período estudiado, para construir una identidad positiva para el grupo.

**Palabras clave:** prensa negra, transnacionalismo negro, raza y nación en el pensamiento brasileño.

## RACE, NATION ET IDENTITÉ - TRANSNATIONALISME NOIR ET LITIGES DE BRÉSILIANITÉ ET DE PAULISTANITÉ DANS LES JOURNAUX NOIRS ET IMMIGRANTS À SÃO PAULO AU DÉBUT DU XX<sup>e</sup> SIÈCLE

**Résumé:** Quelques décennies après l'abolition officielle de l'esclavage au Brésil, dans un scénario marqué par le cosmopolitisme, les individus et les populations noirs ont évolué les attentes eugénistes et hygiénistes de la ville de São Paulo. Rompre avec les stéréotypes et briser l'image de l'exotisme, au sens d'êtres étranges, impose la formulation d'une stratégie dans laquelle le groupe doit faire face à des barrières externes et internes. Au milieu de l'immigration massive de populations étrangères, Famille, Patrie et Education sont devenus les principaux remparts de la lutte entreprise par la presse noire au cours de la période étudiée, dans le sens de construire une identité positive pour le groupe

**Mots-clés:** presse noire, transnationalisme noir, race et nation dans la pensée brésilienne.

*Mas aí, se tiver que voltar pra favela, eu vou voltar de cabeça erguida/ porque assim que é, renascendo das cinzas, firme e forte, guerreiro de fé. Vagabundo nada./[...]/Existe um velho ditado do cativo que diz:/que o negro sem orgulho é fraco e infeliz./Como uma grande árvore que não tem raiz./[...]/Passageiro do Brasil, São Paulo agonia/Que sobrevive em meio às honras e covardias/Periferias, vielas, cortiços/Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso/Me ver pobre, preso ou morto já é cultural/Histórias, registros e escritos/Não é conto nem fábula, lenda ou mito*

*Racionais MC's.<sup>2</sup>*

<sup>2</sup> Racionais MC's. Música: Negro drama

Equivalências entre hierarquias e diferença racial marcaram, desde o início, as teorias e práticas acerca da conformação da nacionalidade brasileira. Entre os escravizados de origem africana, no Brasil colonial, estabeleceu-se uma distinção entre africanos e crioulos, que privilegiou os latinizados pelo idioma e pela cultura mestiça – conhecidos como ladinos a quem eram destinadas as atividades consideradas menos brutas como o artesanato e o serviço doméstico, geralmente executado dentro das casas. Por outro lado, aos africanos, distinguidos como “boçais”, tal acesso e trânsito (à vida privada e doméstica das Casas Grandes) era interditado, sendo-lhes destinado o trabalho mais pesado, na lavoura (MATTOSO, 2017).

Ou seja, desde o princípio a condição de ser negro no Brasil envolveu um esforço de repersonalização, em que a proximidade com os valores da cultura ocidental poderia representar vantagens, no sentido de maior mobilidade ou acesso favorecido a condições menos perversas de existência e sobrevivência.

O historiador britânico Charles Ralph Boxer (1977:192) adverte que, ainda no cenário do movimento de Contrarreforma Católica, no século XVII, houve por parte do império colonial português a elaboração de um *Estatuto de Pureza do Sangue*<sup>3</sup> que, embora tivesse como alvo judeus e mouros, acabava por estender a negros e mulatos a infâmia do sangue impuro, o que, portanto, constituiria um impedimento à ocupação de cargos na Igreja, no âmbito do Estado português. Tal Estatuto lançou as bases para que fosse possível a construção de um artifício ideológico, por meio do qual as diferenças físicas e/ou religiosas entre as populações, fornecessem as bases para sua hierarquização social. (RAMOS, 2002)

Assim é que nas confrarias religiosas, que representam os primeiros caminhos trilhados pelo associativismo negro, também estão presentes as divisões por cor: houve irmandades de homens pretos (Rosário, São Benedito) e de homens pardos ou mulatos (Santa Efigênia, São Domingos etc.). Mas, a despeito disso, tais confrarias se constituíram em importante veículo de transmissão de valores e tradições negro-africanas, que viabilizaram a construção de redes identitárias e de solidariedade grupal (SCARANO, 1994; QUINTÃO: 2002).

E nos anos que sucederam a abolição da escravatura, sobretudo no período por nós estudado (1915-1924), a imprensa negra paulistana não permaneceu alheia à

---

<sup>3</sup> Segundo Boxer, datado de 1671.



constatação da “cor” como dimensão de “distinção” ou “opróbrio”, no meio associativo negro paulistano.

[...]O caso e a cousa agora é nada mais do que um preconceito... da côr. Ora, imaginem os leitores, entre elles os mulatos e mulatas, que fazem parte de uma sociedade ou grupo; um ou ambos seus progenitores têm a pelle da côr do azeviche; no auge do entusiasmo, um socio mais branquinho, sem pensar no mal que possa advir, propõe que em tal festa, só sejam admitidos mulatos e mulatas! Uma vez approvada a proposta, tem esta de ser posta em execução.

No dia designado os nossos paes ou um parente preto, nos quer acompanhar? formidavel decepção! porque são pretos, não poddem assistir a uma festa para a qual seu filho pagou o necessario rateio, isto devido aos preconceitos da propria cor!

Mas existe de facto essa sociedade ou grupo? (...) Matuto foi sempre um dos que negaram os preconceitos neste Brazil, e sou forçado a continuar a negal-o, quanto a parte dos brancos, porque vemos a verdade, só temos um preconceito que é perigoso, e esse é imposto pelos proprios descendentes. Nos Estados Unidos da América do Norte a lucta é do branco contra o preto, nos Estados Unidos do Brazil é a do preto contra o preto! Que contraste ! (...) <sup>4</sup>

Ao discutir o “transnacionalismo negro”, Silvério (2019) defende tratar-se de um movimento de ativistas e intelectuais negros, que dialogam e se sintonizam com preocupações sociais e lutas políticas que remontam a pelo menos a metade do século XIX e que se caracterizaria por uma rede de influências recíprocas mantidas no sistema atlântico, identificado como diáspora negra ou, na acepção de Paul Gilroy, “O Atlântico negro”

Eles, de modo geral, mesmo em condições extremamente adversas, criaram jornais, periódicos, revistas e associações com diferentes propósitos, dando origem ao que tem sido nomeado na literatura como transnacionalismo negro [...] mesmo em condições extremamente adversas, criaram jornais, periódicos, revistas e associações com diferentes propósitos, dando origem ao que tem sido nomeado na literatura como transnacionalismo negro (SILVÉRIO, 2019: 45).

Na apreciação de Valter Silvério, tal “transnacionalismo negro” empreende por meio de ativistas e intelectuais negros, o questionamento de um humanismo de caráter colonial contra o apagamento das diferenças étnicas. Ainda que atrelados à retórica

---

<sup>4</sup> A *Liberdade*, anno 1, nº 10, 28 de dezembro de 1919.



racializada e racializante que desumaniza indivíduos e populações não europeias a partir da construção de identidades negativas, “fornece uma lente através da qual se pode ver alguns percursos de formação de ideias sobre nacionalidade e identidade”.

Dessa maneira, o ativismo político transnacional negro teve como primeira e fundamental atividade o desenvolvimento de uma leitura geopolítica da racialização em suas distintas modalidades imperiais-nacionais, o que resultou, por um lado, na construção intranacional de estratégias de preservação da vida e de aquisição do direito a ter direitos e, por outro lado, numa narrativa comum que articulou, ao mesmo tempo, a experiência de negação da humanidade e a discriminação racial de que africanos e seus descendentes eram alvos em contextos nacionais distintos. Desse modo, a origem africana era a única identificação comum, seja pela negação, seja pela afirmação. (SILVÉRIO, 2019: 49)

Embora ocupando um lugar marginal nas representações privilegiadas nessa fase da imprensa negra paulistana, há referências a uma cultura popular e coloquial, como o demonstram sobretudo as crônicas do personagem *Matuto* que faz a alusão a aspectos da cultura popular negra como: o cateretê, a capoeiragem e reuniões familiares animadas por batuques dançados no fundo de quintais, em meio à penúria e às dificuldades materiais enfrentada pela maioria da população negra em São Paulo à época.

[...] ora, na verdade em São Paulo existem muitos (salões de baile) e todos elles são umas maravilhas, porque sempre dancei o batuque no terreiro em frente uma fogueira e não quero falar mal dos salões desta cidade [...]<sup>5</sup>

A princípio poderíamos imaginar que os articulistas da imprensa negra paulistana teriam descartado as perspectivas das camadas mais simples da população. Porém, o que notamos é que essa imprensa contempla a racionalidade das populações negras pobres, com sua respectiva visão de mundo, evidenciada na publicação de trechos, supostamente, produzidos por iletrados.

Nesse sentido, a alusão ao “caipira” e, mais que isso, a visibilidade dada à sua figura, torna-se polêmica, tendo em vista que no imaginário nacional da época, ao mesmo tempo em que algumas obras o evocavam como representante da coragem e labor

---

<sup>5</sup> A Liberdade, anno 1, nº 10, 28 de dezembro de 1919.

sertanejo, em outras representações o caipira era o símbolo do atraso, da preguiça e da necessidade de se eugenzar e higienizar o país (via Medicina e Educação).

A cultura escrita supõe uma racionalidade e uma modernidade diversas das contidas nas múltiplas e variadas expressões das oralidades que, por sua vez, implicam uma aproximação maior – real e simbólica – entre o emissor e o receptor de uma mensagem. Enquanto a escrita pressupõe maior elaboração, na oralidade prevalecem as percepções e impressões do mundo vivido ao qual se está "acostumado".

O histórico de educação da população negra ocorreu inicialmente, à revelia dos sistemas de educação formal. Além das inúmeras iniciativas individuais que remontam ainda do período escravocrata e que atualmente tornam-se mais conhecidas com o aumento de pesquisas sobre essa temática, as organizações negras foram protagonistas em tomar a educação como meio de combate ao racismo e acesso a cidadania. Com o objetivo de integrar-se, desenvolveram estratégias para a integração, para a assimilação social, de modo que o pensamento que gerava esse modelo era de “o próprio negro, vítima designada pelo racismo, que deveria se transformar para merecer a aceitação pelos brancos [...] a educação, a formação e a assimilação do modelo branco forneceriam as chaves da integração” (MUNANGA, 2004; CRUZ, 2020: 128).

Originalmente, o público alvo da imprensa negra paulistana desse período, é formado sobretudo, por pessoas pobres e, geralmente iletradas, cuja percepção da realidade é, em muitos aspectos, diferente ou mesmo contraditória àquela apreendida pelos articulistas dessa imprensa, cujos jornais anunciam em seus subtítulos a disposição para melhorar, elevar, reerguer a “classe dos homens de cor”, por meio da educação dos comportamentos e dos sentidos, consoante ao ideário positivista, na maior parte das vezes.

**Quadro 1:** Jornais da Raça Negra (1915-1924) – quadro dos jornais disponíveis analisados

TÍTULO	SUBTÍTULO	QTDE. ANALISADA.	1º LOCALIZADO <sup>6</sup>	Nº	ÚLTIMO Nº	PERIODICID. \$ SEM. <sup>7</sup>	DI-MENSÕES. (cm)
--------	-----------	------------------	----------------------------	----	-----------	----------------------------------	------------------

<sup>6</sup> O número constante entre parênteses refere-se ao número do exemplar.

<sup>7</sup> Optamos por coligar o preço da assinatura semestral de cada jornal, em virtude de ser um dado constante na maioria das fontes analisadas, o mesmo não acontecendo com relação ao preço do exemplar avulso.



O Menelik <sup>8</sup>	Orgam mensal, litterario e critico dedicado aos homens de cor	02	OUT. 1915 (1)	JAN. 1916 (3)	mensal 1\$500	32x23
A Rua	litterario, critico e humorístico	01	FEV. 1916	***	semanal 6\$000	38x27
O Xauter	jornal independente	01	MAIO 1916	***	*** 2\$000	37x27
O Alfinete	orgam litterario, critico e recreativo	08	SET. 1918 (3)	NOV. 1921 (76)	quinzenal até 1921; depois mensal 3\$000	33x24 a partir de 1921 27x18
O Bandeirante	orgam de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor.	02	SET. 1918 (3)	ABR. 1919 (4)	irregular 2\$000	33x24
A Liberdade	orgam critico, litterario e noticioso dedicado à classe de cor	13	JUL. 1919 (1)	OUT. 1920 (18)	quinzenal 3\$000	33x24
A Sentinella	orgam critico, litterario e noticioso	01	OUT. 1920	***	Quinzenal 4\$500	32x22
O Kosmos	orgam do Grêmio Drammatico e Recreativo "Kosmos".	10	AGO. 1922 (3)	MAIO 1923 (12)	Mensal 3\$000	28x18

Fonte: Tabela construída a partir de pesquisa realizada pela autora.

No entanto, uma análise mais detida nos descortinou uma outra realidade que se impunha de modo renitente e resistente aos apelos por contenção e comedimento, por disciplina e rigidez nos costumes. Foi possível perceber, nos interstícios dos discursos e narrativas a presença subterrânea e oculta de um universo *coloquial* presente na vida cotidiana de negros e negras da época.

Em duas edições consecutivas do jornal *A Liberdade*<sup>9</sup> foi publicado um conto intitulado **Narração de um caipira**, que nos remete, dentre outras coisas, à sensação de estranhamento e distância que a capital paulista provocava naqueles que não compartilhavam daquela nova vida cidadina: a vida urbana e cosmopolita provoca

<sup>8</sup> Optamos por utilizar a grafia verificada no exemplar de número 1, visto que no segundo exemplar encontrado (nº 3) o nome vem grafado como *O Menelick*.

<sup>9</sup> *A Liberdade*, anno 1, nº 16, 12 de setembro de 1920 e nº 18 de 31 de outubro de 1920.



sensações de deslocamento no caipira da trama que começa com a decisão de um lavrador que, ao saber da elevação de preços dos produtos alimentícios em São Paulo, resolve ir para a capital tentar vender sua colheita.

(...) Nesta munção, eu tava fazeno coiêta, cherei o negocio i não cuchilei. Esse dia eu tava c'o juízo a premio, ou intão tava meio demente. Ora, vô contá pr'a vanceis o padecimento que me assucedeu.(...)

Ora, o padecimento do *caipira* é relatado desde seu embarque *mntado num trem de ferro* com destino a São Paulo, munido de amostras de seu produto que ele esclarece ser *batata cum fejão* que ele trazia embrulhados num lenço preso à sua cintura.

Cheguei la, me disseram que carecia comprá cartão, se não o trem não me bardiava; intão pidi de favô pr'um moço que tava ao pé de mim prá compra; gemi cum quatro pataca i meia; já achei meio sargado, impacotei o troco num lenço, infiei o cartão na fita do chapéu i me puis d'ispera. Baquinadinha remaneceu o trem de ferro, bufano i abanano o chão. Dei c'os óio no bicho, amóque me moliô os garrão do ismorecido i já fiquei meio imbarçado. Um moço arrepicó um sino e grito: imbarque moçada! Eu dei um prisco dentro do trem i me acomodei. O trem parô um fiapinho só pra mim amuntá; deu assubio, e sahiu pr'alli afora que nem cavallo pereiero no bacaiáu.

As referências do narrador revelam que seu estranhamento com o progresso, se prende ao fato de que suas referências de vida e de existência têm o meio rural como parâmetro. Nesse sentido, *o trem bufa, abana o chão; o "bicho" tem olhos, ele "amunta" ao invés de subir*. Ele faz uma analogia entre o trem – símbolo mor da velocidade, modernidade e da racionalidade burguesa (LUCA, 1999:19) e o meio de transporte ao qual estava habituado: *"um cavallo pereiero"* – simbolizando, por sua vez, as permanências de uma referência rural de Brasil.

Na sequência ele prossegue descrevendo e narrando as sensações físicas e emocionais; num misto de apreensão e medo diante daquela experiência; tudo, evidentemente a seu modo, com um vocabulário que se mostra muitas vezes inadequado e insuficiente para dar conta das incompreensões diante de tanta novidade: o trem de ferro, o túnel, a cobrança de passagem – tudo fazia parte de um universo simbólico e de sociabilidade que não lhe eram familiares.



Corri os óio pra fora do trem: misturô capueirada cum terra feito um redemuinho; a minha vista fico turviada, a cabeça tava virano, i meu istamo tava querendo gunitá; eu já tava quaje mandano pará pra mim apiá. Nisso veiu um home de boné, i atiô um lampião cor sór arto. Quano vi foi quano imboquemo num buracão im baxo do morro; i noiteceu. Eta barbaridade! O meu coração tava bateno no papo, i o meu sangue desceu tudo no pé. M'imbruei a cabeça no lenço e fiquei por tudo no mundo. Não creditei quano vi a luis do dia. No meio do caminho tornô a vim o tar do boné a moda sordado i quiria me tomá o cartão. Scismeí que era caturno i já quaje se misturemo. Quano ele viu eu arrepiá o topete ponô a viola no sacco i guardô a truqueis. Dei graça quano paremo na praça de São Paulo pra mim me safá. Cheguei c'ao bocca ité amofinada e meio arvoado. Só no vê aquella timiridade de rua, fiquei vanzero i sem sabe o que fazê.

A riqueza expressiva da narração é surpreendente porque, dentre outros aspectos, revela que seu autor transita bem pelos dois códigos de sociabilidade e de linguagem – o urbano e o caipira.

Ao chegar à cidade, o personagem da história procura um lugar para se hospedar e seu diálogo/embate com o atendente revela mais uma sucessão de mal-entendidos e incompreensões recíprocas:

O tar chegô: - O que quié ? -Quero cumê -Cumê o que? -Hora essa! Fejão, herva, torrêrmo, o que huvé de mior. Quié bife a cavallo? O que? Eu aspano de fome vô esperá pegá alimar p'rá muntá ? Pensa que tô debarde i que algum biriva? Vá pintá macaco. -Não compreendo -Não compreende por sê tonto. Falo im decumê, arresponde im alimar; cavallo vá elle. Caça ruim é que desmancha mundéu. Inté a vorta cara de lubishome.

Outros motivos para o estranhamento são: a quantidade de soldados e vendedores ambulantes observados nas ruas de São Paulo. Por outro lado, a indumentária escolhida para visitar a cidade se mostra a certa altura inadequada e desconfortável e as incompreensões alcançam os códigos de civilidade e sociabilidade, visto que todas as tentativas de "conversa" com os transeuntes ou mesmo de entendimento do referencial simbólico que domina a vida na cidade se mostram frustrantes:

Tava fazendo um sór de rachá. O marvado do meu sapatão ingraxado c'uimbigo de porco incoscorô c'o sor i agarro a cumê meu carcanhá. Andei maniado. Eu tava amuado i meio agastado no bêcco; chegô um piá c'um - caxãosinho nas costa i dis que: -Quié ingraxá ? Eu: - O fio do diabo, não tem zóio ? Não vê que já tá ingraxado? Elle abriu o pala e sahiu: sabejano. O lugá de gente infadonha. Uma pessôa cum fome, inda estes intrios. Acho mió eu me raspá desta fervedêra. Tô que nem dois de pau na rua. Passiá cum fome o diabo quêra. Barriga vasia não



tem alegria. Não cunvidam a gente nem p'ra matá o bicho, que dirá p'a cumê. Ando como cachorro sem dono. [...]

Por fim, mesmo tendo na origem uma intenção "capitalista", que traz o homem do interior para a cidade, ele acaba por concluir que sua inadequação ao *modus vivendi* mercantil e capitalista lhe exigiria uma transformação que, naquele momento, ele não deseja e descarta.

As diferenças entre uma cultura rural assentada na tradição e aquela que se afigurava como *nova e urbana* são apresentadas através das dificuldades mútuas de entendimento entre o menino (e sua cultura escolar) e o caipira que assinala: ***Não aprendi nada na escola.***

Só querem depenná uma pessoa. Inté café se paga. Xé que esperança, o fio de meu pae quié sucego. Avistei um piásinho, chamei: -Pórte aqui um pôco. Tô lôco p'ra botá o arco. Quanto quié p'ra me levá a instação do trem que vai p'ra Pribugú de baxo aonde eu moro? O piásinha repondeu: P'ra levá carregado?

Arrespondi: -Carregado o quê, demoninho. P'ra servi de madrinha p'ra mim. Siga adiante que eu acumpanho. Nunca lidô cum tropa? Não aprendi nada na escola. Elle tava mangano, mais quano viu alumia os quinhentão, ispêttô i disse: -Bamo. Rodemo impanado.

Ou seja, para que ele se fizesse entender e obedecer pelo *piásinha* foi necessária a intervenção da figura do *dinheiro* – o grande facilitador de relações e entendimentos.

### **NÃO SOMOS AFRICANOS, SOMOS BRASILEIROS...**

[...] Si os nossos antepassados tiveram por berço a terra africana, é preciso que se note, nós temos por berço e Patria este grande Paiz (...) Não somos africanos, somos brasileiros! Vinte e um Estados constituem este colosso Brasil, e nossa bandeira é uma só (...) Cuidar de separação de raças, fomentar esse absurdo dos absurdos, é pregar a discordia, provocar odios e possiveis luctas fraticidas. [...] O que devemos fazer é isso e mais o seguinte: ***Não pretender perpetuar a nossa raça***, mas, sim, infiltramo-nos em o seio da raça privilegiada - a branca, pois, repetimos, não somos africanos mas, puramente brasileiros. Para isto conseguirmos mais rapidamente, é nos necessario procurar, por todos os meios, elevar o character de nossos homens, obrigar os nossos filhos, irmãos e amigos a frequentar escolas, inculcar em o espirito de nossas filhas, irmãs ou noivas a compreensão exacta do que seja a honra e o apreço por si mesmas. É este o reerguimento de nossa classe que nós compreendemos!<sup>10</sup> (grifos nossos)

<sup>10</sup> D' ALENCASTRO, Grave Erro, *O Bandeirante*, Anno 1, nº 3, setembro de 1918.



Por meio desse fragmento, extraído de um manifesto publicado em 1918, por um dos jornais da imprensa negra paulistana, percebemos num primeiro momento que, embora não sendo uma postura generalizada, havia por parte de integrantes da elite negra, uma adesão às propostas de integração sinalizadas pelas ideologias construídas para o equacionamento do *problema negro*.

Dentre as possibilidades aventadas, muitas delas se pautavam por propostas assentadas nas perspectivas “higienistas” e “eugenistas”, indicando por exemplo, a necessidade de se erradicar a *vadiagem* ou ainda ratificando os ideais de “branqueamento” físico, estético e cultural.

Porém, atentando-nos apenas aos termos desse manifesto, entendemos que essa adesão não se coloca exatamente em consonância com os moldes propostos pelas referidas ideologias.

A própria assertividade do discurso, colocando uma categoria de pessoas como *a nossa raça* em primeira pessoa e conclamando os pares à ação, afronta as expectativas de um discurso oficial que descarta ou simplesmente desconsidera a população negra como parte constitutiva de seu projeto de nacionalidade. Há nesse excerto, uma afirmação da ancestralidade africana quando afirmam que seus antepassados tiveram por berço a terra africana, porém num período em que se delineava a formação de uma consciência nacional, a elite negra paulistana reivindica sua condição de brasilidade pelo pertencimento à “terra brasileira”.

Nessa imprensa, a “africanidade” emerge, como um sentimento que projeta no passado uma ancestralidade africana que *irrigou* com seu sangue o solo brasileiro, mas a recorrência ao termo *patrícios* quer reforçar um pertencimento à pátria e marcar etnicamente o grupo como detentor **de uma brasilidade que é legatária de antepassados ilustres nascidos e criados nessa terra: (...)** “**Imitemos os nossos antepassados, patrícios ilustres que honraram e honram com dignidade de homem e brio a côr!**”<sup>11</sup> (grifos nossos)

Não há, como poderíamos imaginar em uma análise apressada, uma mera negação da África como espaço de ancestralidade, embora haja uma renúncia a esse *ponto de confluência* como instaurador de uma identidade que se quer nacional. E que, mais que

---

<sup>11</sup> FONSECA, Benedito, Patrícios, *O Alfinete*, anno I, nº 3, 22 de setembro de 1918.



isso, reivindica sua preeminência em relação a outros projetos identitários em disputa e que procuram habilitar-se nesse momento.

Num contexto em que o discurso evolucionista descredencia e desqualifica *mundos e seres* em razão de sua proximidade ou afastamento do ideal civilizatório ocidental, os jornais da imprensa negra paulistana desse período, por vezes corroboram essa ideologia. Em sua edição de número 3, de setembro de 1918, a seção “*Colaboração de nossos leitores*”, publicou uma crônica intitulada “*O inferno material*” em que o autor a propósito de uma discussão sobre *razão e vaidade*, faz na verdade um julgamento onde podemos perceber-se uma argumentação que identifica continente africano (“Terra mater”) à ausência de razão e à inferioridade, num plano arquitetado por ninguém menos do que *DEUS*:

(...) Mas, em lhe dando a Sabedoria Infinita absoluto poderio sobre a terra, deixou-lhe, no entanto, o castigo por intermedio dos *insignificantes*, creados, como elle, das intrínsecas da Terra Mater. (...) Porque se acha o globo infestado de animaes ferozes e peçonhentos, taes como: a Panthera, o Leão, o Tigre, a Hyena profanadora dos cemitérios, a Víbora, a mosca infeccionadora de innumerous males e variadas e escosas(sic) espécies de parasitas? É isto, em resumo o inferno material em que o homem vive! (...)<sup>12</sup>

A África e sua natureza comparadas ao inferno...Eis o universo mental e ideológico no qual a imprensa negra paulistana estava inserida e em que a identificação do negro com África, acabaria por ratificar a exclusão do indivíduo nacional da construção de uma ideia de nação da qual ele se sentia não apenas parte integrante, mas de fundamental importância: tanto no passado como no futuro, apesar das investidas por sua desqualificação.

Tal traço é mais evidente em um outro artigo publicado no jornal *O Alfinete*, em sua edição de número 77 de novembro de 1921:

(...) Em matéria de nacionalismo puro, de nacionalismo verdadeiramente cívico, sem as prejudiciaes côres do Jacobinismo condemnavel, ninguem terá mais a reclamar que a **raça infeliz a que pertencemos**. (...) Apesar dos seus feitos, porém e do muito que a essa raça deve à nação, vivem os seus membros espesinhados pela sociedade e torturados pela critica. (...) É assim que vivemos neste meio que foi formado e regado com o suor dos nossos maiores; é assim que vivemos nesta terra onde tudo se nos negam, desde os direitos polticos-sociaes

---

<sup>12</sup> CASTRO, Hermenegildo Jurema de. O inferno material, *O Bandeirante*, anno 1, nº3, setembro de 1918.



até a entrada em certas e determinadas congregações religiosas! A sociedade nos odeia, o povo branco nos persegue, e a religião nos exclue de seu completo patrimonio espiritual!! Para todos existem aqui corações, venham elles até da China, mas, para o desgraçado que teve a infelicidade de nascer escuro só ha uma sentença: é preto (...) <sup>13</sup>

Nesse manifesto, a consciência do caráter racista da discriminação sofrida pelo povo negro se completa pela constatação de que enquanto o negro era desvalorizado e descartado, numa clara demonstração de *amnésia histórica*, o estrangeiro era valorizado, não importando qual fosse sua procedência.

Voltando ao artigo do jornal *O Bandeirante*, acreditamos que quando se menciona que a separação de raças é uma luta fratricida e que na condição de puramente brasileiros não devemos perpetuar nossa raça, mas nos infiltrar na raça privilegiada – a branca, a despeito de ratificarem a perspectiva branqueadora de Sílvio Romero, que considerava a raça branca como a raça valorosa, também estão defendendo que:

- A condição fraternal se dá pelo compartilhamento da *terra*;
- Os brasileiros não são nem brancos, nem privilegiados;
- Os brancos que aqui estão, sendo nossos irmãos pertencem também à nossa raça - *a raça brasileira*;
- Dentro da raça brasileira, os mais legítimos são os negros.

Se infiltrar na *raça branca – a elevada, a privilegiada*, significa, nos termos do articulista, facultar o acesso *aos filhos, irmãos e amigos*, não se esquecendo das *filhas, irmãs e noivas* a **educação** e o **trabalho**, numa forma de elevar o caráter.

O artigo é revelador de uma nova postura do negro, se considerarmos que, num dos primeiros jornais lançados pelo grupo, o tom era outro: intimidado e receoso:

[...] Para conquistar amizade geral que futuramente esperamos nunca procuraremos combater, embora haja base... Seremos como o humilde servidor que não combate contra a força, usaremos para tal fim o provérbio velho: - o calado vence. <sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> FLORÊNCIO, Benedito. Carta sem cor, *O Alfinete*, anno 4, nº 77, novembro de 1921.

<sup>14</sup> *O Menelik*, anno 1, nº 1, 17 de outubro de 1915.

Alguns termos são bastante elucidativos de um determinado *habitus* do indivíduo negro, marcado pela *humildade, silêncio, renúncia, pela busca da amizade* – e tudo isso fica bastante evidente nesse que foi um dos primeiros manifestos da imprensa negra paulistana.

Corroborando nossa posição, Mattoso (2017:102) assevera que desde os primórdios da escravidão negra no Brasil, o expediente da adaptação e da subalternização do elemento africano se fazia notar:

São as tensões continuadas dessa integração difícil que obrigam a própria vida do escravo a adaptar-se às relações de tipo escravista e o levam a todos os esforços, todas as humildades, todas as obediências e fidelidades para com os senhores infalíveis. Humildade, obediência, fidelidade: sobre este tripé vai ser encenada a vida desses homens (...) Essas três qualidades essenciais conformam a personalidade do “bom escravo”[...]

No entanto, em 1918 o tom do discurso negro muda também porque naquele momento já se sentiam plenamente integrados à entidade “Brasil”, sob a qual as diferenças se diluiriam diante de um sentimento de fraternidade que irmanaria a todos e deveria se solidificar:

Aggremiemo-nos, elevemos o nosso conceito perante todos, sejamos juizes severos de nos mesmos, solidifiquemos a fraternidade que nos confunde com os brancos nascidos debaixo da Bandeira Auri Verde; procuremos o trabalho e busquemos a luz para a nossa intelligencia, pois, assim, não presenciaremos mais o espectáculo pouco edificante que hoje deparamos. O Brasil é a nossa patria. Sejamos brasileiros [...] Elevar o nosso character, constituir familia legitima e legal, crear homens de bem é o que nos cumpre. Pregar a loucura da separação de raças, estabelecendo de permeio comnosco e brancos tremendos preconceitos, é praticar simplesmente um crime de leza-Patria!O Brasil acima de tudo, primeiramente.<sup>15</sup>

Quando nos voltamos para este artigo, fica patente que naquele momento, uma facção da elite negra conclama seus pares à formação de uma identidade nativista, assentada no compartilhamento e na posse de bens e símbolos comuns: a terra natal, a língua, a bandeira, etc., privilegiando um ideal de pertencimento étnico/cultural em detrimento de aspectos biológico/raciais.

---

<sup>15</sup> D'ALENCASTRO. Idem.



Trata-se de uma proposta de cunho universalista, avançada para a época, e que diverge de modelos propostos por outras correntes da imprensa negra no momento, como podemos notar pelo artigo anteriormente relatado, bem como neste outro, escrito por José do Patrocínio Filho num jornal carioca e transcrito por um dos jornais negros paulistanos:

Nota-se em toda carreira da vida, que o preto carece de um esforço triplo para chegar a conseguir uma posição melhor. Não se lhe tolera a mediocridade e o seu valor é allegado a cada passo e na vontade de extinguil-o, foi o desamparo que lhe coube em partilha, desde que ha trinta e quatro annos, deu-se-lhe, por misericórdia, a liberdade! [...] A cada passo deparamos com o preconceito que exclue, que humilha, que esmaga o homem de côr. E nós continuamos minado (sic) pela illusão de que “a verdadeira democracia é a brasileira, porque ella repousa sobre os princípios estabelecidos pela egualdade humana” (...) <sup>16</sup>

O que emerge neste discurso é uma consciência de que a Abolição provocou o acirramento de discriminações assentadas em índices fenotípicos, provocando desigualdades incompatíveis com os discursos universalistas do liberalismo democrático.

Portanto, existe nessa imprensa, uma variedade de discursos que por vezes apontam para caminhos divergentes, engendrando a construção de *múltiplas identidades* para uma população negra que não se quer isolada, embora tenha grandes dificuldades para se afirmar.

Nossa análise é que, a despeito da multiplicidade de vozes e de posturas diante do *novo* (o imigrante, a cidade, as novas formas de trabalho e lazer etc), o que se discute, acima de tudo, é o *deslocamento, a falta de lugar* em uma realidade onde o negro é tachado como um elemento novo, que reivindica lugar e posições num mundo que o rejeita e o quer manter na imobilidade e invisibilidade.

O que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas (BHABHA, 1999:81).

Os exemplos imigrantes de interação e de integração, se constituíram em referências para o movimento empreendido pela imprensa negra, pois representavam um outro ideal, inclusive no plano discursivo: de agremiação e de luta, contemplando anseios de populações que também buscavam seu lugar num ambiente – físico, político,

---

<sup>16</sup> PATROCÍNIO FILHO, José *O Kosmos*, Anno I, n° 3, agosto de 1922.



ideológico e social – em construção. As imagens do deslocamento e da busca por um lugar também estão presentes no discurso dos estrangeiros imigrantes.

A influência estrangeira, sobretudo italiana, era tamanha que não passava despercebida pelos visitantes da cidade, como atesta o fragmento de uma crônica escrita por um correliogonário da imprensa negra paulistana oriundo de Tatuí, interior do Estado:

(...) cheguei nonte do sítio, mais já to falando a moda da qui, diga uma coiza, p'ra que vanceis falão tão de preça, que agente não intende, parece que tudo é intaliano, tudo de São Paulo é instranjeiro, credo![...] Não é, acontese que nos temos costumado com o estilo italiano, já tomamo esse sutaco de falar, e talvez o senhor não estando costumado lhe parece ser apressado, quá! Eu não vo nisso, o nosso Brasil está perdido, não tem mais brasileiro da qui (...)"<sup>17</sup>

De fato, há indícios e relatos que confirmam que em bairros como o Bexiga, a Barra Funda, o Centro e o Brás a convivência entre negros e estrangeiros aconteceu, e no período por nós contemplado, a opressão e a desigualdade alcançavam e descontentavam tanto a uns quanto a outros. (BUTLER, 1998).

(...) O italiano era a classe proletária mais baixa, juntamente com espanhóis e outros. Era com eles o contato que podíamos ter na época. Os que estavam “lá em cima” eram nossos ‘protetores’, os advogados, os fazendeiros (...) Esses tratavam a gente ainda como descendentes de escravos ou filhos de escravos (...) (CORREIA LEITE, 1992:55).

Ao branco rico – oligarca ou doutor -, era genericamente atribuída a atitude discriminatória e escravocrata, no entanto, nesse primeiro momento, o imigrante pobre é identificado como o elemento próximo, da convivência e da partilha cotidiana. Nas falas dos imigrantes o que constatamos é que essa memória de partilha e convivência embora presente, dá lugar a um sentimento de paulatino descolamento:

Quando nasci, como minha mãe não tinha leite, quem me amamentou foi uma preta que morava no mesmo corredor. Depois que mudamos nunca mais a vi. Nunca mais voltamos ao cortiço<sup>18</sup>

<sup>17</sup>A *Liberdade*, Anno 1, nº 8, 23 de novembro de 1919.

<sup>18</sup> Depoimento de Francisco *apud*: BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Educ/Fapesp/Editora da Unesp, 1998.



No livro “Brás, Bexiga e Barra Funda”, Alcântara Machado (1927)<sup>19</sup> diz que o livro nasceu na verdade jornal e como *órgão dos ítalo-brasileiros*.

Destacando como epígrafe uma frase de um discurso do Conde Francisco Matarazzo que diz: “*Esta é a Pátria dos nossos descendentes*”, prossegue com uma narrativa em que reconta de maneira original o mito das três raças formadoras do Brasil (indígenas, brancos portugueses e negros) e das *duas* formadoras da paulistanidade (indígenas e brancos italianos):

Durante muito tempo a nacionalidade viveu das mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes. A primeira as caravelas descobridoras encontraram aqui comendo gente e desdenhosa de mostrar suas vergonhas. A segunda veio nas caravelas. Logo os machos sacudidos desta se enamoraram das moças bem gentis daquela que tinham cabelos mui pretos, compridos pelas espadoas. E nasceram os primeiros mamalucos. A terceira veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucambas, mumbandas, macumas. E nasceram os segundos mamalucos. E os mamalucos das duas fornadas deram o empurrão inicial no Brasil. O colosso começou a rolar. Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou como aquela planta também imigrante que há duzentos anos veio fundar a riqueza brasileira. Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consorcio da gente imigrante com o indígena nasceram os novos mamalucos. Nasceram os intalianinhos [...] Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou. E o negro violeiro cantou assim: Italiano grita Brasileiro fala. Viva o Brasil E a bandeira da Itália! (**grifos nossos**)

Como é possível notar, nesse discurso, tanto a brasilidade quanto a paulistanidade são creditadas ao concurso de uma *raça* eminentemente mestiça. A referência aos povos negro e indígena na conformação da brasilidade se dá de maneira depreciativa: pela alusão à posse de suas mulheres *gentis*, os indígenas são retratados como “comedores de gente” ao passo que aos negros teria cabido a função de trabalhar o solo e “servir a gente”. Aqui o autor evidencia sua consciência de classe posto que “servir a gente” significa servir à oligarquia, da qual ele fazia parte.

Vale destacar que a partir do último quartel do século XIX, sob o patrocínio do Museu Nacional do Rio de Janeiro uma intensa produção em Antropologia Física no Brasil colocou o elemento indígena em uma posição cada vez mais desfavorável, visto que os estudos o descredenciavam morfológica e anatomicamente. Por esse motivo, a

---

<sup>19</sup> Antonio Castilho de Alcântara Machado d’ Oliveira (1901-1935) paulistano de família tradicional, bacharel em Direito, notabilizou-se por sua atuação nos campos jornalístico e literário.



partir desse momento a ideologia nacional passa a apresentar essa desqualificação do indígena na conformação da nacionalidade. Na hierarquia das raças passou a ser classificado abaixo do negro:

(...) eles são mais ferozes, sem arte de espécie alguma, e sem pendor para o progresso e para a civilização (...) Como trabalhador braçal, o índio é inquestionavelmente inferior ao negro (...)<sup>20</sup>

Uma facção do modernismo paulista, representada aqui por Menotti del Picchia, compactua com esse modelo de nacionalidade que rejeita o indígena mas admite a participação negra, embora circunscrita a alguns aspectos. Numa reação ao espírito romântico que, na busca pelas raízes, empreendeu um resgate da importância do elemento indígena para a nacionalidade, no artigo que abaixo transcrevemos é negada a esse elemento qualquer colaboração positiva na construção da civilização brasileira:

(...) nas nossas canções, chora a nostalgia dos povos transplantados: a saudade lusa, o banzo africano; estridula o delírio da tarantella [...] (...) nos elementos indígenas não colheu nosso povo um motivo estético, uma arte aproveitável ao menos para estilização. É, pois, um absurdo imaginar-se na possibilidade de se criar com esses elementos negativos, uma estética nacionalista. Na música não passou do tan-tan; na literatura não deixou sequer uma língua; na estatuaría não nos legou um ícone ou um ídolo. A modinha cabocla é de origem lusitana amestiçada com a plangente, a monocórdia lamentação do negro escravo. A catira é uma mistura de canna-verde com o batuque. O legado dos nossos fundos raciaes primitivos resume-se a algumas tangas e tacapes, que fazem a alegria dos ethnographos, ao visitarem o museu do Ypiranga. Mais nada...<sup>21</sup>

O homem negro aparece em Alcântara Machado na figura de um cantador que dá vivas à bandeira da Itália e nos contos que integram o livro que pretende “*fixar tão somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e quotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas*”, há várias referências a coadjuvantes negros, que são retratados na maior parte das vezes de forma pejorativa e preconceituosa, mas atestando que a convivência íntima existiu.

---

<sup>20</sup> LACERDA, João Baptista de. Fatos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Recordações Históricas e Científicas Fundadas em Documentos Autênticos e Informações Verídicas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905, apud: SANTOS (2002)

<sup>21</sup> DEL PICCHIA, Menotti. Da Esthetica. Seremos plagiários?, *O Correio Paulistano*, Editorial, 10 de abril de 1920.



Assim, nas imagens da rua “suja de negras e cascas de amendoim”, do “negro de casaco vermelho que afastava o saxofone da beçoarra” para gritar, da “orquestra preta” que tocava nos bailes de maxixe, frequentados por brancos e negros, na mulata que oferecia o copo de água de flor de laranja, na “negra de sandália sem meia que principiou a segunda volta do terço” na descrição de um enterro de uma criança e em mulatos engraxates e vendedores do Fanfulla, são muitas as passagens que evidenciam a estreita convivência entre imigrantes e negros, mostrando que as situações de vizinhança caracterizaram uma sociabilidade marcada por estas relações de proximidade.

O que parece ter acontecido, e é inclusive reforçado por alguns analistas (BORGES PEREIRA, 2001), é que os imigrantes, nesse processo de identidade em construção foram, em um ambiente absolutamente novo e revolvido por transformações, na medida em que se aburguesavam e ascendiam, *abrasileirando-se*, no sentido da apreensão de valores discriminatórios e preconceituosos em relação aos negros.

Contudo, esse **abrasileiramento** diverge daquele presente no texto de D’Alencastro, o que, mais uma vez, reforça nossa hipótese de que a identidade paulistana foi composta a partir de múltiplas subjetividades.

Considerando que o fenômeno da imigração tenha produzido identidades, questionamo-nos em que medida as diferenças recíprocas foram manipuladas no sentido de criarem modelos simbólicos que nortearam as ações dos grupos em contato e em conflito.

Aferimos os aspectos dessa brasilidade, entendida como um código de relações e de sociabilidade que se funda em um paradigma racialista e cientificista, em uma realidade marcada por um caldeamento – físico, moral, sensorial e espiritual, que ultrapassa e subverte as fronteiras hierarquizantes das teorias e das propostas oficiais de nacionalidade.

## AS METÁFORAS DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA PAULISTANIDADE

Em sua análise sobre a gênese no Brasil de uma ideologia republicana que contemplasse as expectativas coletivas na conformação de uma identidade nacional, José



Murilo de Carvalho conclui que a maioria dos símbolos oferecidos por uma elite ciosa de se europeizar foi rejeitada pelo povo (CARVALHO, 1998).

Nessa luta, venceram apenas os símbolos legitimados pela tradição imperial: - *o hino e a bandeira*. Tal análise corrobora um traço que percebemos na imprensa negra paulistana: a profunda nostalgia que nutrem pelo período imperial, de seus valores e de seu presumido comprometimento com o povo, inclusive com o povo negro.

Ainda que esse comprometimento se desse num nível de extremo assistencialismo, protecionismo e clientelismo, inerentes ao escravismo patriarcal, a República, a despeito do discurso liberalizante em prol da fraternidade e igualdade, representou um açodamento da hierarquização e da racialização das diferenças, de acordo com o termômetro do capitalismo urbano-mercantil.

A uma realidade multicultural e pluriétnica contrapôs-se uma representação ideológica bipolar, que foi, paulatinamente, contemporizando com as reivindicações que vimos esboçadas nas imprensas negra e estrangeira.

Já a partir da primeira Constituição republicana de 1891, o Estado define a preeminência do estrangeiro de *qualquer nacionalidade quanto à* garantia de direitos civis, em detrimento dos nacionais, cuja maioria era de “cor”.

Essa primeira Constituição discriminava a grande massa de negros iletrados e despossuídos de bens móveis e imóveis. E mesmo com relação à representatividade facultada pelo regime político, só tinham direito de representação os "eleitores do sexo masculino, maiores de 21 anos e alfabetizados".

No projeto de nação arquitetado pelos doutores e bacharéis -da Medicina e do Direito, os quais permaneciam devidamente resguardados em seus gabinetes ou institutos de pesquisa, o “povo” era uma abstração retoricamente explorada (SCHWARCZ, 1993). Aparecia sempre sob a égide do perigo e da ameaça, de modo a legitimar a necessidade de políticas eugênicas e higiênicas, expressas nos inúmeros planos que propunham o saneamento dos espaços, dos corpos e das mentes.

Havia uma unidade territorial, linguística, militar; construía-se um ufanismo generalizado, mas o processo de construção de uma identidade nacional idealizada, se fazia à revelia da massa de pessoas, cuja cultura não se via contemplada nesse projeto em que, ao contrário, era recorrentemente excluída, criminalizada e marginalizada.



Diante de tal concepção de nacionalidade arquitetada para o Brasil, e pautada, sobretudo, nas acepções de Alberto Torres e Oliveira Viana, o povo foi banido das instituições, pois não tinha condições psíquicas, físicas, nem políticas para a representatividade.

Oliveira Viana foi um crítico contumaz do liberalismo e encarava a democracia autoritária como o regime mais condizente com o nosso povo, para o qual o sistema representativo seria inadequado. Alberto Torres, por sua vez, foi o pioneiro e definidor no Brasil, da matriz teórica da noção de realidade nacional. Ambos acreditavam no determinismo do meio, da raça e da história na definição da cultura e caráter de um povo. (BRESCIANI, 1996:107-115.)

A obra de Torres "O problema nacional brasileiro", data de 1914 e evoca uma concepção psicológica da sociedade, que teria de ser transformada de cima para baixo, ou seja, da inteligência para a vontade.

Pelas conclusões desses teóricos, as rédeas do processo de construção nacional caberiam aos cientistas que levariam o país ao estágio de progresso inexorável.

A reivindicação de uma identidade étnico-cultural pressupõe não apenas a constatação das diferenças peculiares a um grupo desprestigiado, mas o desejo por parte desse grupo de afirmação de sua autonomia no modo de produzir a sua subjetividade e, assim, sua própria historicidade.

Em outras palavras, não basta o reconhecimento de tal ou qual alteridade. É necessária a afirmação dessa alteridade como integrante, incluída em uma totalidade, da qual é formadora.

Os jornais da imprensa negra e os jornais estrangeiros se inserem nesse processo, a princípio a partir da criação de espaços de reflexão acerca da situação vivida por essas populações em São Paulo.

Embora veiculassem suas mensagens por meio de uma linguagem escrita e, portanto, acessível apenas aos poucos letrados,<sup>22</sup> a tônica dos discursos nos leva a acreditar que os artigos e demais manifestos propagados por esses órgãos da imprensa alternativa, eram produto de conversas e da circulação de idéias que, efetivamente,

---

<sup>22</sup> Nessa época a taxa de analfabetismo no Estado de São Paulo ultrapassa os 50% cf. João Baptista Borges Pereira. Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo, p.49-50.



surgiam nos salões de baile, nas agremiações, nas associações, nas ruas, nas praças, nos cortiços, etc.

Gilroy (2001) destaca a oralidade e o improviso como atributos distintivos da ética e da estética negra, visto serem elementos presentes em várias manifestações da cultura negra, consubstanciando assim uma historicidade oralizada.

José Murilo de Carvalho (1990: 125) constatou que a construção de um imaginário republicano para o Brasil acenou com três modelos de identidade nacional, quais sejam: **um modelo norte-americano** - consonante com os valores celebrados pelo individualismo e pelo pragmatismo da busca da felicidade pessoal, invocando uma psicologia social de cunho individualista em oposição à de relevância coletiva e grupal. **Um modelo francês** - com ênfase na importância da participação e da intervenção popular nas questões políticas, de modo a viabilizar um pretensão liberalismo político. **Um modelo positivista** - centrado na preocupação com a definição de instituições de caráter integrador e intervencionista, tais como: Nação, Pátria, Escola, Trabalho e Família.

Nesse sentido, pudemos encontrar similaridades entre esse modelo analítico e o discurso empreendido por alguns dos jornais analisados, o que nos facultou a construção da seguinte tabela:

**Tabela 1-** Caracterização dos jornais de acordo com os modelos e imagens celebradas pelo nacionalismo da época

JORNAL	VIGÊNCIA	Q.A <sup>23</sup>	SUBTÍTULO	MODELO ADOTADO	IMAGENS CELEBRADAS
O ALFINETE	SET/ 1918 a ABR/1919	08	Orgam Litterario,cri tico e recreativo dedicado aos homens de cor	Estados Unidos da América	Individualismo, Liberdade, valorização da família nuclear-absoluta, independência,luta pelos direitos civis embasados nos ideais cristãos; defesa da idéia de direitos naturais e inalienáveis .
O BANDEIR ANTE	SET/ 1918 a ABR/1919	02	Orgam de combate em prol do reerguimento geral dos homens de côr.	França	Preconizam a igualdade das raças, a fraternidade e a liberdade; cultivam o orgulho de serem paulistas e paulistanos; caráter universalista.

<sup>23</sup> Quantidade de exemplares analisados.



A LIBERDAD E	JUL/1919 a OUT/1920	13	Orgam critico, litterario e noticioso dedicado à classe dos homens de côr.	Positivista	Partidários da visão monogenista da origem humana. Condenam quaisquer divisões entre mulatos e negros. Celebram os valores e ideais do catolicismo e do cosmopolitismo, crônicas, poesias, elogios e tentativa de emblemização de datas e personagens do meio negro.
O KOSMOS	JUN/1922 a JAN/ 1925	10	Orgam do Grêmio Dramático e Recreativo KOSMOS	Nacionalist a	Por ser um jornal de um Grêmio Recreativo, celebra os valores da união fraternal, da família e do patriotismo. Atentos à hierarquia racializante, conclamam todos à agremiação e à conscientização

Os jornalistas negros estavam sintonizados com as várias e diversas expectativas das elites com relação à construção de uma identidade nacional de acordo com parâmetros estrangeiros, mas buscaram, na medida do possível, uma inserção que contemplasse o negro em sua humanidade plena, calcada no compartilhamento de valores e bens culturais que, legitimados por sua origem e ascendência nativas poderiam lhe conferir um lugar privilegiado nessa construção, ao contrário do que, de fato, acontecia.

Particularmente com relação à cidade de São Paulo, a influência da mobilização operária conferiu à realidade paulistana uma especificidade, tendo em vista que o discurso de valorização de bens culturais brasileiros se dava justamente em contraposição à celebração de uma solidariedade embasada no **trabalho** como valor fundamental, do qual a população negra não poderia comungar em vista de sua exclusão do universo operário.

"**Não somos africanos, somos brasileiros**" é, pois, uma frase que retrata um desejo de pertencimento de fato e de direito a uma brasilidade em gestação que negligenciava quaisquer aproximações com o que não fosse considerado evoluído, civilizado.

Nesse sentido, vale destacar as diversas propostas do grupo negro para integrar, nessa memória nacional em construção, alguns *emblemas, personagens e símbolos* que caracterizassem e contemplassem imagens caras a esse grupo.



Tentou-se, por exemplo, emblematizar a data de 28 de setembro em celebração à “mãe negra”, visto que, a despeito de todas as controvérsias que relacionam o ato a uma tentativa da elite fundiária de ganhar tempo no processo de substituição do trabalho escravo pelo livre, a data passou a agregar vários significados e se reportava a conquistas do povo negro dentro do período imperial.

Um traço distintivo que se evidencia na análise do campo é que enquanto as imagens celebradas pelo imigrante ratificam o valor do **trabalho** como instrumento de elevação moral e material, o indivíduo negro percebe sua ascensão ligada à **educação**, como atesta a seguinte fala:

“Era mais italiano, que eles... eles... que eles não... eles são gananciosos, eles queriam ficar rico, né. Então, eles não deixavam os filhos estudar não. Então eles queriam mais que os filhos trabalhassem, e meu pai não. ... meu pai... a gente sabe, o que nós sabemos, porque eles...é, depois eu vim pra São Paulo, aprendi mais... mais um pouco que eu falei que ia nessa escola né, e tudo, mas a gente... meu pai, pelo menos nesse ponto ele foi bom... tem duas irmãs que elas iam na escola à noite, né, assim escola que uma pessoa que sabia mais explicava, né.<sup>24</sup>

Nesse relato identificamos aspectos de uma solidariedade calcada nos padrões de sociabilidade tradicionais do grupo negro (à pessoa que sabia mais atribuía-se a responsabilidade de ensinar ao que pouco ou nada sabia).

### AS EFEMÉRIDES DOS GRUPOS NEGRO E IMIGRANTE

As principais efemérides dos grupos negros e estrangeiros eram comemoradas, coincidentemente nos meses de maio, agosto e setembro:

Grupo	Maio	Agosto	Setembro
Negro	<i>Dia 03</i> – Festa de Santa Cruz <i>Dia 13</i> – Abolição da Escravidão	<i>Primeira semana</i> – Festa de Pirapora	<i>Dia 28</i> – Lei do Ventre Livre e dos Sexagenários
Operário/Imigrante	<i>Dia 01</i> – Dia do Trabalhador	<i>Dia 15</i> – Nossa Senhora de Achiropita	<i>Dia 20</i> – Unificação Italiana/ Fim do poder papal.

<sup>24</sup> Depoimento de Glória Pereira Paraná in *Projeto Memória da Escravidão*, caixa 33, CAPH, Depto. De História da FFLCH/ USP, p.56.



O “1º de Maio” é a principal efeméride dos jornais operários, lembrada com reuniões, passeatas, palestras, protestos e diversas outras formas de manifestação.

Quanto ao “13 de Maio”, é interessante notar tratar-se de uma data comemorada, comentada e analisada tanto nos jornais da imprensa negra paulistana quanto nos jornais operários que dela se valem para, mais uma vez, ratificar a analogia entre a exploração impingida ao trabalhador escravizado e a de que os próprios estrangeiros se sentiam vítimas naquela nova fase do capitalismo. As romarias à cidade de Bom Jesus de Pirapora eram anunciadas nos jornais da imprensa negra paulistana no intuito de mobilizar a população negra para esta que era uma das principais festividades do grupo negro em São Paulo. Mas há relatos de que muitos brancos também prestigiavam a festa que era ansiosamente aguardada:

Realiza-se nos dias 3,4,5 e 6 do mez de Agosto, a tradicional festa de Pirapora. Já se vêem os preparativos do povo romeiro que daqui devem partir por essa ocasião<sup>25</sup>. [...]A mesma coisa em Pirapora. Em Pirapora o clero acabou com a festa porque o branco já não ligava mais. Ele chegava lá, se benzia e corria pro barracão que lá tinha festa, tinha bebida, tinha comida, tinha tudo, entende? (...) Ia de trem...às vezes ia de jardineira...outros iam em lombo de burro... E era aquela festa... Tinha a procissão, a reza, o barracão...<sup>26</sup>

No mesmo mês de agosto, no dia 15 festejava-se a santa padroeira dos calabreses no Brasil – Nossa Senhora de Achiropita, por eles trazida da cidade de Rossano, quando aqui chegaram no século XIX.

Devemos lembrar que no período que estudamos se consolidava a formação dos primeiros bairros operários na cidade de São Paulo, localizados nas áreas próximas ao rio Tamanduateí, por causa da facilidade de acesso às estações ferroviárias. Dessa maneira, assim se constituíram os bairros da Luz, Brás e Bom Retiro.

O bairro tradicionalmente conhecido como Bexiga teve sua origem em uma localidade chamada Baixada do Piques, área hoje compreendida pela Praça da Bandeira e onde, pelos idos do século XIX, acontecia um célebre “leilão de escravos”.

No Largo do Piques, atual Praça da Bandeira, reuniam-se tropeiros, escravos e carros de boi e as capoeiras e matagais vizinhos abrigaram negros que, procurando fugir

---

<sup>25</sup> VASCONCELOS, Max. São Bom Jesus de Pirapora, A Liberdade, anno 1, nº 1, 14 de setembro de 1919.

<sup>26</sup> Filme, Geraldo. Depoimento dado ao projeto Memória do Carnaval Paulistano. São Paulo: MIS/ Fita 112.13.14.



a um destino de escravização, se aquilombavam nesses arredores. (SILVA BRUNO, 1954).

Com o afluxo de imigrantes e a urbanização, o bairro atraiu muitos italianos, principalmente calabreses, que para lá acorreram e onde construíram suas oficinas e padarias:

(...) O Bexiga foi o bairro dos italianos, na maioria calabreses, que aproveitaram os preços baixos, as ruas de 60 palmos, íngremes, para recriar ambientes da Itália (...) Já em 1902, o aglomerado de casas e barracos, construídos por negros libertos e italianos, tinha o essencial para um núcleo de povoamento: uma padaria, uma mercearia (...) e uma santa padroeira – Nossa Senhora da Achirópita – trazida pelos calabreses de Rossano... (MARZOLA, 1979:63)

Essa era a festa mais célebre do bairro e sua organização envolvia toda a comunidade do bairro, inclusive a população negra:

Os negros e descendentes de escravos que viviam no bairro, aderiam à festa e durante os sete dias de preparativos que antecediam o 15 de agosto era muito samba, música, cachaça e vinho (LUCENA, 1983: 130).

O vinte de setembro era uma efeméride polêmica entre os italianos e mais consensual entre os de origem meridional e estabelecidos há mais tempo em São Paulo, pois a data representava a afirmação da nacionalidade italiana, que contrariava o discurso dos jornais operários.

O vinte e oito de setembro era, sem dúvida, a data mais reivindicada pelos negros letrados como efeméride maior das conquistas do povo negro. Assunto para muitos artigos em prol do reconhecimento dessa data como feriado nacional, os argumentos procuram dotar a comunidade da consciência de um fato memorável para o povo negro:

O que é a lei 2.040, de 28 de Setembro de 1871? É feriado nacional? Não é para a nação, mas deve ser para os corações dos homens de côr; por quanto é ella uma lei que sómente nos diz respeito, e que devemos conhecel-a ou procurar conhecel-a, ao contrário é como tem sido, o simples conhecimento de que é dia 28 de Setembro, sem poder dizer porque e nem a causa desta data, contribuindo para demonstrarmos uma falta de conhecimento, falta irreparavel nos homens de côr; no entanto essa lei que deu começo à nossa emancipação, contém em seu todo, desde o artigo 10., disposições cheias de vida e esperanças, a que podia ser concedida aos nasciturnos ( sic), dando vantagens que a raça opprimida viria gozar por tantos annos. (...)porém não dizendo ella respeito à actual geração, provavelmente veio beneficiar muitos dos nossos, que ainda vivem neste mundo,

780



e que não lembramos de homenagear esta lei, como igualmente ignoramos a lei de 23 de Setembro de 1885 <sup>27</sup>[...] Mas pelo lado económico, necessitava de ponderada resolução dos estadistas de outr'ora, para não acarretar prejuízos nem advir falta de braços para a lavoura. Porém pelo lado nacional, a escravidão conspurcava os conceitos da civilização brasileira em face de outras nações.

Não foi outro o espírito da lei de 28 de Setembro de 1871, que teve a eloquente defesa dos grandes Saraiva e Cotegipe (grifos do autor).

A lei Rio Branco declarando livres os filhos de escravos, era o verdadeiro prenúncio de uma redenção completa da raça negra e aos poucos, dissipar a era de prepotência e de preconceitos em considerar o preto como ente desprezível e obcecado. É uma das datas memoráveis da nacionalidade brasileira – a de 28 de setembro de 1871. <sup>28</sup>

Num cenário que primava pela desqualificação e marginalização do negro, essa imprensa alternativa se configurou com o desafio de impor visibilidade em uma estrutura que não reconhecia o negro como cidadão e na qual ele próprio não se reconhecia.

Por isso, a reconstrução do passado por meio da ressignificação de mitos, ritos e crenças, se fez necessária, de modo a propiciar a superação dos estigmas que caracterizavam o povo negro como indolente, atrasado e instável.

Por isso, Família, Trabalho, Pátria e Educação se converteram nos principais baluartes da luta empreendida através da imprensa negra no período estudado, no sentido da construção de uma identidade positiva para o grupo, a despeito de todas as rivalidades e animosidades que caracterizaram o momento.

Romper com a estereotipia e quebrar a imagem de exótico, no sentido de seres estranhos ou estrangeiros, impunha a formulação de uma estratégia em que o grupo teve que se defrontar com barreiras externas e internas, já que comportava expectativas e pontos de vista díspares e conflitantes, conforme pudemos constatar investigando os jornais dessa imprensa.

Uma das principais reivindicações para a consecução dessa mudança de status presente insistentemente nos discursos, era pelo acesso à educação.

Embora se constituindo numa reação ao lugar que lhes foi destinado nessa nova ordem, pode-se perceber através da análise das imagens recorrentes naquela imprensa a ressonância da ideologia dominante nos jornais do grupo visto que postulavam sua inserção na ordem burguesa.

---

<sup>27</sup> Lei do Ventre Livre: O Alfinete, ano 4, nº 75, 25 de setembro de 1921.

<sup>28</sup> RODRIGUES, Abílio. 28 de setembro, O Alfinete, ano 4, nº 75, 25 de setembro de 1921



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA MACHADO, Antonio de. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: OESP/Klick Editora, 1997.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES. Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Unesco/Anhembi, 1955.
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC/UNESP, 1998.
- BHABHA, Homi.K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BORGES PEREIRA, João Baptista. *Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira*. Revista USP, n.46, p.6-29, junho-agosto/2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa – Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand do Brasil, 1989.
- BOXER, Charles R. *O império colonial português*. Lisboa: Editora 70, 1977.
- BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana – um cientista social* in: SILVA, Sérgio; SZMERESANY, Tomáz. (orgs.) *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORREIA LEITE, José. *...E disse o velho militante...* São Paulo: Cuti, SMC, 1992.
- CRUZ, Ana Cristina. *Apontamentos e Bases Espistemológicas entre Formação e Currículo: Desafios Contemporâneos para uma Educação Antirracista*. Revista da ABPN • v.12, no 32 • março – maio 2020, p. 120-139
- LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: EDUSP, 1965.
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: Ed. FFLCH-USP, 1986. (Coleção Antropologia, v.13).
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM/CEAA, 2001.
- LUCENA, Célia Toledo. *Bixiga, amore mio*. São Paulo: Ed. Pannartz, 1983.



MARZOLA, Nádia. *Bela Vista. História dos bairros de São Paulo*, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - Departamento do Patrimônio Histórico, 1979.

MATTOSO, Kátia M. Queiroz. *Ser escravo no Brasil -séculos XVI-XIX*, trad. Sonia Furhmann, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017 (1ª.ed. 1994)

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PICCHIA, Menotti del. *Juca Mulato*. São Paulo : Cultrix, 1982.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (séculoXVIII)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

RAMOS, Guerreiro. *Sociologia do negro*. Cadernos do Nosso Tempo. Rio de Janeiro: Ibesp, 1956.

RAMOS, Jair de Souza. *O Brasil sob o Paradigma Racial: Sociologia Histórica de uma Representação*" in PENA, Sergio D.(org.) *Homo Brasilis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e sócio-antropológicos da formação do Povo brasileiro*. Ribeirão Preto/São Paulo: FUNPEC-RP, 2002

SANTOS, Ricardo Ventura. *Antropologia Física no Brasil (1870-1930)* in: PENA, Sérgio Danilo (org.). *Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002.

SCARANO, Julita. *Cotidiano e solidariedade: vida diária da gente de cor nas MG -séc. XVIII*. São Paulo: Brasiliense,1994.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870/1930* - São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *“Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra”* in –BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

*Recebido em: 04/07/2020*

*Aceito em: 03/08/2020*